

**Uma análise crítica dos debates presidenciais Norte-Americanos de 2012 e 2016:
a influência da linguagem como mecanismo corruptor dos povos**

*A critical analysis of the 2012 and 2016 North American presidential debates:
the influence of language as a corrupting mechanism of the people*

Maurício FONTANA FILHO¹
Queli Cristina Braz PERSICH²
Rodrigo TONEL³

Resumo

Este artigo busca as bases da representatividade através de uma análise do uso de discursos demagógicos em esfera eleitoral. Através da análise das principais discussões nas eleições norte-americanas de 2012 e de 2016, será possível delimitar o grau de influência da linguagem nos debates e a presença ou não de demagogia – poder de conduzir o povo de acordo com os interesses políticos através da fala. A investigação tem como método o fenomenológico, e utiliza da técnica da pesquisa bibliográfica como meio propício a analisar os discursos em questão. Tal análise se faz de suma importância para estimular o pensamento crítico em momentos de crise política.

Palavras-chave: Demagogia. Linguagem. Representatividade.

Abstract

This article searches the bases of representativeness through an analysis of the use of demagogic discourses in the electoral sphere. Through analyzing the principle discussions in the 2012 and 2016 North American elections we mean to delimitate the level of influence of language in the debates and the presence or absence of demagoguery – the power to conduct the people in accord with the political interests of the speech. The investigation has as its method the phenomenological and makes use of the bibliographical research as its technic. Such analysis makes itself of great importance to stimulate critical thought in moments of political crisis.

Keywords: Demagoguery. Language. Representativeness.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. E-mail: mauricio442008@hotmail.com

² Graduanda em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. E-mail: quelipersich@gmail.com

³ Mestrando do programa de pós-graduação em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Integrante do grupo de pesquisa Biopolítica e Direitos humanos. E-mail: tonelr@yahoo.com

Introdução

François Guizot (2008), em sua proposta, aponta que a base da representatividade se assenta na premissa de que todo o poder que existe, para se tornar um direito, deve agir de acordo com a razão, a justiça e a verdade: as únicas fontes do direito. Assim sendo, a representatividade é um impulso que tenta retirar razão, justiça e verdade da sociedade a fim de aplicar às necessidades práticas do governo. Se em tempos antigos quem governava eram os mais fortes fisicamente, mais recentemente, com a evolução das sociedades, a busca pelos indivíduos mais virtuosos para governar se fez imperiosa. Trata-se do princípio da representatividade: a busca pelos mais aptos que estiverem em meio à sociedade para governar. O modelo representativo é uma evolução ao modelo que rege pela lei do mais forte fisicamente. O objetivo da representatividade é extrair do seio da sociedade uma *aristocracia verdadeira* e legítima, pela qual ela tem o direito de ser governada e que, por sua vez, tem o direito de governá-la.

Existirá um governo representativo apenas na medida em que três elementos se encontrarem amalgamados: divisão dos poderes, eleições e publicidade (GUIZOT, 2008). O presente artigo trata das *eleições* e, mais especificamente da demagogia como meio propício a enganar os eleitores durante o período eleitoral. Deste modo, a presente pesquisa investiga qual é a influência da linguagem nas eleições. Para corroborar ou contrapor a hipótese, os objetos de estudo são as eleições norte-americanas de 2012 e 2016 para a presidência. A investigação tem como método o fenomenológico, utilizando-se da técnica da pesquisa bibliográfica como mecanismo apto a analisar os discursos em questão. Tal análise é de suma importância para estimular o pensamento crítico em momentos de crise política, tal qual se mostra o presente.

Guizot (2008, p. 637, grifo nosso) nos diz sobre os fins das eleições políticas:

O objetivo da eleição é, evidentemente, conseguir os homens mais capazes e mais confiáveis no país. É um plano para descobrir e trazer à luz a aristocracia verdadeira e legítima, que é livremente aceita pelas massas sobre as quais seu poder será exercido. Para realizar esse objetivo não basta convocar os eleitores e lhes dizer: “Escolham quem vocês quiserem”; ao contrário, eles devem ter a oportunidade de entender minuciosamente qual é seu papel, e de, juntos, entrar em

acordo sobre como desempenhá-lo. *Se eles não se conhecem, e tampouco estão familiarizados com os homens que pedem seus votos, o objetivo é evidentemente frustrado.* Teremos eleições que nem resultarão em uma escolha livre nem representarão os desejos reais dos eleitores. A eleição é por sua natureza um ato súbito que não deixa muita oportunidade para deliberação. Se esse ato não está conectado com os hábitos e ações anteriores dos eleitores, se não é, de alguma forma, resultado de muita deliberação anterior, e a expressão de sua opinião habitual, será fácil demais pegar de surpresa os eleitores, ou induzi-los a ouvir apenas o entusiasmo do momento; e a eleição será deficiente em sinceridade.

Deste modo, pretende-se estipular que um vício encontrado no processo de escolha de representantes implica, necessariamente, na execução da faculdade política do voto de maneira arbitrária e incompatível com a razão, a racionalidade e a razoabilidade. Isso significa dizer que um eleitor que é alimentado com informações antagônicas ao que se consubstancia a realidade é um eleitor que deposita a sua confiança em alguém que lhe prestou um desserviço ao lhe propor possibilidades inverídicas e impossíveis. A faculdade política se assenta na premissa de que existem circunstâncias propícias a fazer com que o eleitor compreenda o que faz e por que o faz; do contrário, o exercício eleitoral se mostra desprovido de representatividade: como ser representado se o candidato eleito não é a fábula que fez crer ser? As expectativas outorgadas pela liberdade política só podem ser satisfeitas na medida em que o caminho para o voto não é repleto de obstáculos e intransigências (GUIZOT, 2008).

Uma análise das eleições norte-americanas de 2012

O primeiro debate presidencial oficial de 2012 – de três –, ocorreu entre Mitt Romney, representante do Partido Republicano e Barack Obama, representante do Partido Democrata, isso em 3 de outubro, em Denver, Colorado. O moderador foi Jim Lehrer. Os candidatos raramente se interromperam, enquanto que o moderador, de forma imparcial, lhes deu toda a liberdade de expressão, ignorando até mesmo o tempo limite e raramente interrompendo seus discursos. Ambos os candidatos foram relativamente respeitosos um ao outro, se mantendo no mérito de suas políticas e pela maior parte do debate não interrompendo seu adversário e visando um discurso relativamente honesto para o deleite dos telespectadores (ASHWORTH, 2012c).

Algumas táticas utilizadas por Obama com o intuito de promover comoções generalizadas foram as de comoção. Ele afirmou que 28 anos atrás havia se tornado o homem mais sortudo da Terra por ter Michelle Obama lhe aceitado casar-se consigo; desejou, então, um feliz aniversário para ela. Afirmou ter ajudado os jovens desde os quatro anos atrás quando assumiu a presidência e que crianças autistas serão prejudicadas quando ocorrerem os cortes nos impostos que serão fomentados pelo seu opositor. Ele disse que sua avó ajudou a lhe criar e morreu três dias antes de ele ser eleito o presidente, sendo ela uma mulher trabalhadora e independente que começou como secretária e acabou como vice-presidente de uma empresa; ele afirmou que seu avô morreu um tempo atrás, assim como que seu oponente acha que os Estados Unidos não precisam de mais professores, enquanto que Obama afirma o contrário (ASHWORTH, 2012c).

Romney, por outro lado, seguidamente evocou o apelo à emoção. Segundo ele, uma mulher em Ohio lhe pegou no braço e pediu ajuda; uma mulher veio até ele e disse que não conseguia ter suas necessidades satisfeitas pela saúde estatizada de Obama, enquanto que outra mulher com um bebê nos braços lhe pediu ajuda e disse que seu marido teve quatro empregos de meio período nas últimas semanas, sinal dos tempos de desespero do governo Obama. Diante disso, ele respondeu que poderia ajudá-las, enquanto que seu oponente não podia (ASHWORTH, 2012c).

No segundo debate presidencial, ocorrido em 16 de outubro de 2012, em Hempstead, New York, Candy Crowley foi a moderadora. A moderadora foi parcial para com Obama, na medida em que não permitiu a Romney replicar os ataques que se deram sobre ele em diversas ocasiões, enquanto que para Obama tal gentileza foi concedida, e quando não concedida, foi tomada por uma voz mais elevada e um uso de vocabulário mais intenso e rápido, de maneira a curvar a moderadora, tática não utilizada por Romney. Ela também constantemente interrompeu os candidatos, regrido o debate e não o deixando fluir livremente (ASHWORTH, 2012a).

Obama afirmou que seu oponente defende a promoção de políticas que garantem o bem-estar daqueles que estão em cima apenas, enquanto que ele deseja o bem de todos, tendo sido criado por uma mãe solteira que teve que ir à escola enquanto cuidava de duas crianças, trabalhou duro todos os dias e fez muitos sacrifícios para que ele conseguisse tudo o que precisasse. Novamente Obama falou sobre a sua avó e que ela

nunca conseguiu educação superior, mas era muito inteligente e trabalhou muito. Os últimos quatro anos foram difíceis, afirmou Obama, mas conseguiu muito, e a partir de então precisaria de mais quatro anos para fazer mais, enquanto que seu oponente não conseguiria fazer tudo o que ele fez. Seu oponente não possui a personalidade de um líder, afirma ele, isso porque tentou politizar ataques terroristas, tratando uma tragédia como situação propícia a obtenção de apoio; Obama afirma que *nós não somos assim*, que ele não faz isso e que é horrível. Ele disse que chorou com as famílias em decorrência ao ataque terrorista. Ele teve que confortar famílias em razão da guerra que lhe infligiu danos pesados; viu semana passada uma mãe cujo filho estava para morrer com um tiro na cabeça, um mês depois viu o filho e ele estava incrível, novo em folha, mas muitas pessoas não tiveram essa sorte (ASHWORTH, 2012a).

Obama interrompeu constantemente seu adversário, enquanto que este apenas em uma ocasião. Romney afirmou que as pessoas agarravam seus braços pedindo para que ele salvasse seus empregos. Ele disse que conseguiria dar um jeito na economia, seu oponente, pelo contrário, não poderia fazê-lo. Romney disse que *precisamos de um EUA melhor para nossos filhos*, e disse conseguir fazer isso. Seu pai era mexicano e ele ama os imigrantes. Segundo ele, após um ataque terrorista na embaixada estadunidense em Benghazi, Líbia, o presidente tentou camuflar o ocorrido e foi para Las Vegas em eventos políticos. Romney termina afirmando que essa não é a atitude de um líder (ASHWORTH, 2012a).

O terceiro e último debate presidencial de 2012 ocorreu em 22 de outubro, em Boca Raton, Florida, sendo moderado por Bob Schieffer, o qual conduziu sua função de maneira imparcial, concedendo voz para a réplica aos candidatos e raramente os interrompendo. Obama interrompeu Romney frequentemente, enquanto que este o fez apenas uma vez (ASHWORTH, 2012b).

Obama declarou que impunha sanções ao Irã em razão de suas atividades nucleares, o que ocorria enquanto seu oponente transacionava com chineses, negligenciando o povo americano; se Romney conhece muito de economia é porque investe em empresas além-fronteiras ao invés de investir dentro dos Estados Unidos, diz Obama, ao invés de investir em seu próprio povo, *ele não acredita em nós, por que deveríamos acreditar nele?* O presidente diz ter ido a Israel, ao museu do holocausto e

até Storok, local bombardeado pelo Hamas, onde viu que as crianças que sofreram poderiam ter sido os seus filhos (ASHWORTH, 2012b).

Depois que matamos Bin Laden, afirma Obama, uma menina chamada Peyton, que na época de 11 de setembro tinha quatro anos, veio até ele e disse que a morte do terrorista a ajudou, isso porque ela recebeu uma ligação de seu pai, minutos antes do ataque às Torres Gêmeas no qual ele dizia que a amava e sempre zelaria por ela. Assim, a morte de Bin Laden lhe ajudou, tendo ela sido assombrada por uma década pela morte de seu pai, e com a invasão de outros Estados soberanos, lhes bombardeando e matando seus cidadãos, Obama afirma tê-la ajudado a superar a perda. Ele diz que age para deixar o povo americano seguro e ama seus veteranos (ASHWORTH, 2012b).

Romney, por outro lado, afirmou que Obama é um fraco e vem conduzindo as políticas estadunidenses com fraqueza, humilhando a nação internacionalmente. Ele diz que o povo norte-americano não é ditador do mundo, mas libertador, diferente do que seu oponente afirma. Trata-se de uma carta patriótica: *você não é tão patriota quanto eu*. As pessoas estão sofrendo e a culpa é do governo Obama que tem governado há quatro anos e vem falindo nossa nação, diz Romney, assim como ele diz que ama professores (ASHWORTH, 2012b).

Uma análise das eleições norte-americanas de 2016

O primeiro debate presidencial – de três ocorridos – de 2016, nos Estados Unidos ocorreu em 26 de setembro, em Hempstead, New York, entre os candidatos Hillary Clinton, pelo Partido Democrata e Donald J. Trump, pelo Partido Republicano, sendo moderado por Lester Holt. Ambos os candidatos utilizaram-se de discursos demagógicos e antitéticos a um debate verdadeiro, se interromperam constantemente, não respeitaram os limites de tempo outorgados para suas assertivas, driblaram as questões propostas pelo moderador e se exaltaram como virtuosos e seus opositores como viciosos (COLLINS, 2016).

Hillary alegou que seu pai era pobre e trabalhou para sobreviver, enquanto que o pai de Trump deixou 40 milhões de dólares em herança para ele, um homem rico. Ela declarou que o dia do debate era o dia do aniversário de sua neta e que o seu oponente odeia a população negra, latinos e também odeia mulheres. Trump foi considerado por

ela amigo do presidente russo, o que é algo tão terrível quanto possuir um pai rico. Ela se declarou amiga do primeiro presidente negro, Obama, e por ele apoiada, assim como afirmou que seu adversário não consegue controlar seu Tweeter, portanto, se eleito, iria bombardear a todos, dada a sua instabilidade. Hillary fez soar a intervenção militar a outros países como um sinal de caráter (COLLINS, 2016).

Trump, por outro lado, afirmou que viajou por todo o país em sua época de eleição, portanto, viu como vivem mal as pessoas nas periferias, enquanto que Hillary decidiu ficar em casa, algo rebatido por ela dizendo que ficou em casa se preparando para ser presidente. O moderador foi parcial e pendeu em expressiva agressividade para o lado de Trump na medida em que tentou encurralá-lo através de perguntas tendenciosas, o que não foi realizado no caso de Hillary. Ambos os candidatos fugiram de perguntas substanciais, no caso de Hillary acerca dos e-mails por ela apagados que continham matéria de governo sensível e incriminadora; no caso de Trump, acerca da liberação de suas declarações fiscais (COLLINS, 2016).

No dia 7 de outubro uma fita – que já existia desde 2005 – de Trump usando linguagem agressiva ao se referir às mulheres foi vazada com o intuito de prejudicá-lo nas eleições pelo *Washington Post*, dois dias antes do segundo debate presidencial (NELSON, 2016). No mesmo dia 7 de outubro, Julian Assange, o WikiLeaks, publicou e-mails em seu site, os quais teriam sido enviados e recebidos por Hillary Clinton e que tornaram palpável o quão desprovido de veracidade era o seu discurso eleitoral. Se em sua retórica a candidata prometeu defender os mais pobres através de elevação de tributos aos mais ricos, em seus e-mails, por outro lado, afirmou enfaticamente que defendia um livre mercado. Táticas de campanha no sentido de buscar meios de rotular Bernie Sanders – seu anterior oponente – como sendo um homem machista e defensor do estupro também se encontram nos e-mails (FRIZELL, 2016).

Entre os dias 8-27 de outubro de 2016, vinte e uma mulheres *afirmaram* ter Trump lhes abusado sexualmente. Os fatos supostamente teriam ocorrido entre 1980-2010, mas só foram trazidos ao público quando em período de debates presidenciais finais (JAMIESON; JEFFERY; PUGLISE, 2016). Cerca de 90 minutos antes de iniciado o segundo debate, Trump promoveu uma conferência de imprensa surpresa, na qual quatro mulheres propunham terem sido estupradas, três por Bill Clinton, marido de Hillary, e uma por um homem defendido juridicamente por Hillary em 1975. Cada uma

delas teve cerca de 30 segundos para expor sua adesão ao candidato republicano e seu desgosto por Hillary, a qual foi considerada uma extensão dos vis atos de seu marido assim como uma perpetradora de ações cruéis (DIAZ; ZELENY, 2016).

O segundo debate ocorreu em 9 de outubro de 2016, em Saint Louis, Missouri, tendo como moderadores Martha Raddatz e Anderson Cooper, ambos sendo parciais em prejuízo do candidato Trump e em benefício de Hillary, mas especialmente Martha Raddatz, a qual não deixou Trump se defender das alegações de Hillary em alguns segmentos. Ambos os moderadores interromperam Trump constantemente, enquanto que o mesmo não acontecia com Hillary, além de seu tempo não ser fiscalizado com tamanha intensidade como o era o de Trump. Ambos os candidatos se estenderam mais do que o tempo regulado lhes permitia e se interromperam mutuamente com frequência (BLAKE, 2016).

Hillary inferiu que queria ser a presidente para todos os americanos, diferente de seu opositor, o qual queria sê-lo para os ricos apenas, além de ele odiar mulheres, negros, latinos, muçulmanos, patriotas, mexicanos, crianças, americanos, deficientes e imigrantes. O candidato republicano havia anteriormente, segundo ela, se portado de maneira terrível, isso enquanto crianças americanas assistiam, assim como seus discursos eram usados para recrutar jihadistas opositores aos EUA. Ela afirmou que a Rússia hackeou os Estados Unidos para colocar Trump no poder. Hillary disse ser virtuosa por querer investir nas famílias *que dão duro*, enquanto que seu oponente apenas deseja investir nos ricos malvados que ascendem machucando as famílias trabalhadoras. As pessoas lhe mandam cartas e elas a amam, não acreditando que o seu adversário irá lhes incluir em seu governo exclusivo. Hillary propõe que Trump incita a violência em suas passeatas, assim como não possui a disciplina de um líder (BLAKE, 2016).

Trump afirmou que sua oponente riu de uma mulher que foi estuprada por um homem que ela defendia juridicamente em 1975 e que isso pode ser comprovado por meio de uma gravação de áudio; ele afirma que o marido de Hillary, Bill Clinton, estuprou três mulheres, as quais foram trazidas por Trump ao debate presidencial assim como a que foi prejudicada por Hillary; ele afirma que Hillary chamou metade daqueles que votam nele de machistas, deploráveis, sexistas, racistas, homofóbicos e islamofóbicos. Ele diz que Hillary mente e usa de um discurso memorizado, sendo que

se se eleger irá prendê-la, assim como diz que ela tem ódio no coração. Trump incorreu na *falácia do peixe vermelho* ao ser perguntado acerca da fita, rebatendo que Bill Clinton fez coisas piores (BLAKE, 2016).

Ambos tombam em face da *falácia do apelo à autoridade*: Trump ao dizer que segundo Bernie Sanders, Hillary não possui bom julgamento, enquanto que Hillary afirma que, segundo muitos republicanos, antigos republicanos e especialistas em segurança nacional, Trump não possui caráter. Mesmo que as alegações feitas por Trump sejam corretas, não se trata de matéria política, mas de um discurso cuja tática é emocionar. O discurso não se centra no político, mas adentra um mérito emocional, no sentido de expor um caráter vil na pessoa e no círculo familiar da oposição (BLAKE, 2016).

Os dois primeiros debates presidenciais podem ser considerados os mais terríveis e obscuros que ocorreram nos tempos modernos estadunidenses, isso porque se basearam quase que integralmente em ataques rancorosos mútuos. Se de um lado a personalidade de Trump foi diminuída com base na fita de vídeo vazada no dia 7 de outubro, de outro, Hillary foi humilhada com base no seu áudio vazado, assim como nas vis ações supostamente perpetradas pelo seu marido (CASSIDY, 2016).

O terceiro e último debate presidencial de 2016 ocorreu em 19 de outubro em Paradise, Nevada, tendo Chris Wallace como moderador, o único moderador imparcial dos três debates finais. Ambos os concorrentes se interromperam frequentemente, estenderam-se mais do que o tempo determinado lhes permitia e tentaram enganar os telespectadores com linguagem desonesta. Hillary defendeu enfaticamente os mais fracos na mesma medida em que propôs que seu opositor defendia os mais ricos e, necessariamente, homens malvados. Ela citou que conheceu uma mulher, Carla, a qual demonstrou medo que seus pais fossem deportados, o que iria acontecer se a candidata não fosse eleita. Hillary afirmou não querer destruir famílias e mandar pais para longe de filhos, o que aconteceria se não votassem nela, isso porque seu oponente queria arrancar os imigrantes dos Estados Unidos, enquanto que ela queria acolhê-los em seu seio materno de mãe estadunidense, sendo seus opositores favoráveis a destruir o país (POLITICO STAFF, 2016).

Hillary propôs que o seu oponente pagava mal aos seus trabalhadores e os ameaçava, enquanto que os russos queriam Trump na presidência. Ela afirmou que

Trump deveria admitir ser um traidor, aliado e marionete de Vladimir Putin. Disse que enquanto ela dava palestras contra discriminação racial, seu oponente era processado judicialmente; enquanto ela trabalhava para construir escolas, seu oponente pegava emprestado 14 milhões de seu pai rico; enquanto ela visitava outros países para defender as mulheres, seu oponente ofendia mulheres; enquanto ela caçava Osama bin Laden, seu oponente promovia o show de televisão *The Apprentice* (POLITICO STAFF, 2016).

Hillary afirmou ser Trump um terrível estuprador de mulheres, sendo que se alguém votar nele estará a demonstrar adesão ao seu ódio não apenas por mulheres, mas pelas herdeiras de suas políticas, as crianças e netas norte-americanas: *não é assim que nós somos*, ressalta ela, a mesma frase usada por Obama em 2012. Hillary inquire se será um legado de ódio, ou de diversidade, estando o segundo ligado a ela apenas. Segundo ela, Trump odeia patriotas, deficientes, mexicanos e mulheres, assim como apoia pessoas violentas e envergonha a democracia. Ela relembra a foto de um menino – que todos viram – com a cabeça cheia de sangue, para provar que a assombração que essa foto representa a legítima entrada de imigrantes nos Estados Unidos mesmo que ilegalmente. Ela gesticulou que o assassino de uma boate que matou dezenas de pessoas nasceu no mesmo bairro que Trump e que seu pai era rico enquanto que o de Hillary era pobre (POLITICO STAFF, 2016).

Trump usou de ataques pessoais ao chamar Hillary de marionete e de mulher medonha; ele afirmou ter criado um império, enquanto que sua oponente criou a ISIS. Ele continuamente repetiu que o país sofria e isso era muito triste, que as pessoas morriam e isso era muito triste e que tudo poderia ser muito diferente se Obama não tivesse sido eleito, e que isso era muito triste. A intensidade demagógica de Trump no último debate foi decrescida em resposta à onda vitoriosa que foi o segundo debate (POLITICO STAFF, 2016).

A linguagem como mecanismo de controle social

“Demagogos procuram influência e poder político apelando para os preconceitos, as emoções, os medos e expectativas do público. Eles não esclarecem, eles ameaçam e fazem jogadas retóricas.” (PAUL, 2013, p. 77). A demagogia é inimiga da

liberdade porque inviabiliza o debate, visando corromper os eleitores, os reduzindo a uma posição de servidão não para com a veracidade dos argumentos, mas para com a exploração dos sentimentos humanos, isso enquanto o interlocutor obtém poder no espectro político (PAUL, 2013).

Os sete debates entre Abraham Lincoln e Stephen A. Douglas que ocorreram em 1858 são um exemplo do que se trata a arte do discurso político: um circo. O debate político para os povos é uma escapatória de uma vida chata e enfadonha. Os canhões soavam e as bandas tocavam e isso acontecia em concomitância aos candidatos entrando no palco do debate, seguidos pelos seus convidados. Aplausos e gritos frequentemente interrompiam os discursos dos candidatos, estes providos de humor e gesticulação abundante (LANE, 2015).

Os debates políticos são entretenimento. A demagogia é entretenimento. É sob a premissa de que governar é chato que se dá todo um aparato de expressão para os debates políticos. Em um governo, o governante é preso pelas diversas limitações legais, inclusive parlamentares, as quais impedem sua intenção de satisfazer as densas promessas de campanha, enquanto que durante os debates políticos, tudo é possível. O que importa é o prazer derivado das intensas guerras retóricas, o que justifica a eleição para o cargo de governador da Califórnia, em 2003, do ator *Exterminador*-Arnold Schwarzenegger e de outro ator e lutador profissional, Jesse Ventura: o entretenimento é feito por profissionais (LANE, 2015). Essa ideia de debates políticos tomados como *entretenimento* responde à vitória presidencial em 2016 do antigo apresentador da série de televisão *The Apprentice*, Donald J. Trump. Não mais será o apresentador de um mero programa de televisão, mas se tornou o apresentador de programas de governo (REMNICK, 2016).

Tudo isso se enquadra dentro da proposta de oferta e demanda de Milton e Rose Friedman (2017): os povos imploram por entretenimento, e os mais aptos a assim lhes proporcionarem esse gozo ascendem em meio político. Por isso do crescendo da demagogia contemporânea. Na medida em que as demandas por entretenimento e apelos emocionais crescem, também o fazem aqueles indivíduos aptos a satisfazer tais interesses.

As mídias apelam excessivamente às instâncias emotivas e afetivas do público. O método jornalístico se desvia continuamente da regra

primordial da exposição objetiva, que preconiza a separação dos fatos e seus julgamentos – que seriam, portanto, nada mais que opiniões confusamente motivadas. [...] O sistema midiático não é o único nem o principal responsável pelo déficit de informação disponível ao cidadão. Ele é claramente *adaptado* aos “clientes”. (KOURILSKY, 2013, p.134-135, grifo nosso).

Essa adaptação apontada por Philippe Kourilsky (2013) tange a questão de oferta e demanda: o povo implora por mortes violentas nos noticiários e, com isso, ao invés de estagnar, a mídia oferece exatamente o que os povos requerem. O partido também segue esta mesma lógica, indicando como representantes os candidatos mais polêmicos, emotivos e engraçados; os mais capazes de mentir e vender ignorância aos governados em ordem de se manter no poder político.

Trump, por ser um apresentador de televisão, já conhecia bem esta lógica de demanda e oferta contida na esfera midiática, tal é o que nos aponta Manuel Castells (2017, p.43-44):

Ele [Trump] descobriu, desde as primárias, como estar sempre na mídia sem necessidade de pagar por ela. A troca de declarações escandalosas e polêmicas que as redes sociais amplificavam e os meios de comunicação se apressavam em reportar, geralmente para criticá-las. Trump entendeu, por sua própria experiência midiática, que o essencial é estar na mídia, sobretudo na televisão, mesmo que seja de forma negativa. Foi essa presença constante que monopolizou a discussão em torno dele, de sua pessoa, do que se dizia dele e do que ele respondia. Sua personalidade de narcisista patológico conseguiu que não se falasse de conteúdos ou mesmo de Hillary Clinton, mas dele. Toda a campanha girou em torno de Trump, de sua mensagem simplificadora e da débil e previsível resposta de Hillary. Ela venceu os debates na televisão (em parte pelo apoio de jornalistas aborrecidos com Trump), mas perdeu o protagonismo da sociedade. Além disso, porém, Hillary fez uma péssima campanha, com erros monumentais. Por exemplo, ao qualificar de “deploráveis” os seguidores de Trump, que é justamente o que a elite pensa sobre as classes pouco instruídas.

Chamar um opositor durante um debate de racista; dizer que é defensor do uso de drogas para crianças; que é favorável aos movimentos terroristas; que é impatriota; que é pedófilo ou que odeia a Deus são clássicas figuras demagógicas. O uso destes tópicos tendenciosos tem por objetivo impedir uma discussão honesta de acontecer, mas mais do que isso, seu uso coloca o opositor em dificuldades sérias de ser eleito. O estado e a mídia convencional tendem a compactuar de maneira a impor propaganda e distorção, o que satisfaz seus interesses por poder sobre os povos (PAUL, 2013).

São algumas falácias encontradas nos debates políticos presidenciais de 2012 e principalmente nos de 2016: o *peixe vermelho*: uma mudança rápida no objeto em discussão para ocultar uma possível ausência de resposta. O *homem de palha*: a representação errônea de um argumento para fazê-lo parecer mais fácil de ser rebatido. O *declive escorregadio*: se A for permitido, B, de maneira inexorável ocorrerá. O *ad hominem*: um ataque pessoal ao caráter ou físico individual com o fim de rebater um argumento. O *apelo à autoridade*: em razão de uma autoridade dizer algo, isso seria necessariamente verdadeiro, assim o sendo apenas porque tal autoridade o afirmou (MORRIS, 2016).

Diz-nos Stanley Milgram (1983, p.161, grifo do autor) e John Stuart Mill (2006, p.206) sobre a falácia do *apelo à autoridade*:

Os subordinados reagem com atenta consideração a cada palavra pronunciada pelo presidente. As ideias mencionadas originalmente por pessoas de baixo *status* frequentemente não serão ouvidas, mas quando repetidas pelo presidente serão saudadas com entusiasmo. (MILGRAM, 1983, p.161, grifo do autor).

Presidentes, ministros, chefes de partidos e seus seguidores, são todos propagandistas eleitorais. Toda a comunidade mantém-se atenta às meras personalidades da política e toda questão pública é discutida e decidida preocupando-se menos com seus méritos do que com o propósito esperado na eleição presidencial. (MILL, 2006, p.206).

Assim, as autoridades são comumente vistas como a transcendência de meros indivíduos, são super-homens merecedores de aclamo, os quais devem naturalmente poder elencar seus desejos como anteriores àqueles dos homens comuns (MILGRAM, 1983). Outras falácias incluem a do *escolhedor de cerejas*: tomar dados específicos, mas apenas utilizar-se dos que lhe convêm, ignorando as questões desfavoráveis presentes na informação; o *apelo à tradição*: dizer que algo foi realizado de certa forma no passado, então, necessariamente e apenas por ter sido realizado no passado, está certo (MORRIS, 2016).

Melanie Joy (2014, p. 105, grifo da autora) se dirige ao *apelo à tradição* propondo que em ordem para derrubar o *apelo à tradição*, constante em discursos políticos, “[...] devemos estabelecer a diferença entre *natural* e *justificável*.” Uma ação não é viável simplesmente porque é uma prática antiga ou aceita por uma maioria, do

contrário, toda prerrogativa agressiva será legitimada apenas por ter sido realizada há tempos. A justificativa faz a prática, não a naturalidade.

O fardo da prova deve recair sobre aquele que afirma a matéria ao invés de ser sobre aquele que a nega. Aquele que dá impulso à questão é o requerido de demonstrar sua veracidade e não o seu oponente ter de demonstrar a possível falácia. Esse é um erro comum ávido a ser encontrado de forma ampla na retórica política, sendo uma ferramenta utilizada com o fim de colocar um oponente contra a parede, afinal, se não rebater as mentiras que lhe foram atribuídas ele será tomado pelo público como incapaz e desmerecedor de aclamo (SPENCER, 1982).

Considerações finais

Diante das análises feitas a partir dos discursos eleitorais de 2012 e 2016 é visível a ligação entre o uso de demagogia como mecanismo de subtração da liberdade política do eleitor, assim como de nutrição dos povos que assistem ao espetáculo. Os casos narrados são apenas alguns dos inúmeros exemplos citáveis. Esse tipo de conduta antagônica ao princípio da representatividade é corolário do desinteresse pela política como meio de resolver problemas sérios, complexos e, a cada dia, mais difíceis de serem ao menos analisados, se houver que se falar em endereçados. O uso de estratégias de linguagem para corromper e induzir os eleitores ao erro é uma faculdade histórica. Se por um lado evidencia-se que os candidatos se vinculam a essas prerrogativas, por outro, o eleitorado se rende ao espetáculo, de joelhos e com luxúria no olhar, em admiração às injúrias e pontapés em evidência.

Homens poderosos se curvam aos seus interesses: antes admirá-los a voltar às suas vidas monótonas e sem importância. Quando o poder da linguagem é utilizado com o objetivo de camuflar interesses, a representatividade eleitoral entra em declínio. Os debates políticos, quando mal alicerçados, são instrumentos de entretenimento. Não os mais aptos para governar serão os escolhidos, mas os melhores malabaristas e entusiastas.

Referências

ASHWORTH, Nate. Video: **Watch the 2nd presidential debate from Hofstra University**, 2012. Disponível em: <<http://www.uspresidentialelectionnews.com/2012/10/video-watch-the-2nd-presidential-debate-from-hofstra-university/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ASHWORTH, Nate. Video: **Watch the final presidential debate from Boca Raton**, 2012. Disponível em: <<http://www.uspresidentialelectionnews.com/2012/10/video-watch-the-final-presidential-debate-from-boca-raton/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

ASHWORTH, Nate. Video: **Watch the first presidential debate from the University of Denver**, 2012. Disponível em: <<http://www.uspresidentialelectionnews.com/2012/10/video-watch-the-first-presidential-debate-from-the-university-of-denver/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BLAKE, Aaron. **Everything that was said at the second Donald Trump vs. Hillary Clinton debate, highlighted**, 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/10/09/everything-that-was-said-at-the-second-donald-trump-vs-hillary-clinton-debate-highlighted/?utm_term=.0683d500caf0>. Acesso em: 9 jan. 2018.

CASSIDY, John. **The nastiest presidential debate of all time**, 2016. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/the-nastiest-presidential-debate-of-all-time>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COLLINS, Kaitlan. **Elections: everything said during tonight's presidential debate between Donald Trump and Hillary Clinton**, 2016. Disponível em: <<http://dailycaller.com/2016/09/26/everything-said-during-tonights-presidential-debate-between-donald-trump-and-hillary-clinton/>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

DIAZ, Daniella; ZELENY, Jeff. **Trump appears with Bill Clinton accusers before debate**, 2016. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2016/10/09/politics/donald-trump-juanita-broadrick-paula-jones-facebook-live-2016-election/index.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. **Livre para escolher**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FRIZELL, Sam. **What leaked emails reveal about Hillary Clinton's campaign**, 2016. Disponível em: <<http://time.com/4523749/hillary-clinton-wikileaks-leaked-emails-john-podesta/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

GUIZOT, François. **A história das origens do governo representativo na Europa**. Rio de Janeiro: Liberty Fund e Topbooks, 2008.

JAMIESON, Amber; JEFFERY, Simon; PUGLISE, Nicole. **A timeline of Donald Trump's alleged sexual misconduct: who, when and what**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/oct/13/list-of-donald-trump-sexual-misconduct-allegations>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

JOY, Melanie. **Porque amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não**. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

KOURILSKY, Philippe. **O manifesto do altruísmo: questionamentos políticos, sociais e filosóficos sobre o individualismo e a necessidade do coletivo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

LANE, Charles. **It's not just Donald Trump: politics has always been about entertainment**, 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/politics-as-spectacle/2015/08/05/97bc3e86-3b88-11e5-b3ac-8a79bc44e5e2_story.html?utm_term=.93336c12d659>. Acesso em 21 de janeiro de 2018.

MILGRAM, Stanley. **Obediência à autoridade: uma visão experimental**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MILL, John Stuart. **Considerações sobre o governo representativo**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

MORRIS, Hannah. **Fallacies in politics: can you spot them?** 2016. Disponível em: <<https://www.theodysseyonline.com/fallacies-politics>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

NELSON, Libby. **"Grab 'em by the pussy": how Trump talked about women in private is horrifying**, 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/2016/10/7/13205842/trump-secret-recording-women>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PAUL, Ron. **Definindo a liberdade: 50 questões fundamentais que afetam a nossa liberdade**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2013.

POLITICO STAFF. **Full transcript: third 2016 presidential debate**, 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2016/10/full-transcript-third-2016-presidential-debate-230063>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

REMNICK, David. **An american tragedy**, 2016. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/news-desk/an-american-tragedy-2>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

SINGER, Peter. **Um só mundo: a ética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPENCER, Herbert. **The man versus the State: with six essays on government, society, and freedom**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.